



*O romance inacabado de Sofia Stern*¹

Ronaldo Wrobel*

Rio de Janeiro, Brasil
ronni04@gmail.com

A fábula da cidade mascarada²

Era um lugar onde todos andavam mascarados. Ninguém podia mostrar o rosto naquela cidade. Sempre tinha sido assim e sempre seria assim. Regras são regras. Quem as violasse morreria apedrejado. Até que um dia aconteceu.

Um homem parou no meio da rua e tirou a máscara. Escândalo na cidade: aquilo nunca havia acontecido! Faltaram pedras para atirar no homem, que fugiu da multidão enfurecida. Qual fim levou? Uns disseram que tinha morrido; outros, que tinha escapado. Com ou sem vida, o homem desmascarado sumiu e a paz voltou à cidade.

Mas nada seria como antes. No princípio, o gesto do homem desmascarado serviu para assustar criancinhas até uma delas perguntar por que todos tinham de usar máscaras na cidade. Ninguém conseguiu responder.

Um dia, um grupo de pessoas decidiu se reunir para discutir o uso de máscaras na cidade. Havia um único consenso no grupo: a admiração pelo homem desmascarado. Foi então que decidiram honrar seu exemplo. Desafiando dogmas milenares e abrindo um corajoso precedente, saíram às ruas com máscaras de seu ídolo.

A cidade se dividiu entre mascarados conservadores e desmascarados revolucionários. Rivais ferrenhos, só tinham uma coisa em comum: as máscaras. Conservadores e revolucionários divergiam em tudo, do alfinete ao foguete. Havia polêmica para todos os gostos e gostos para todas as polêmicas. Uns acusavam os outros por todos os males do mundo. Conservadores pregavam o respeito às tradições enquanto revolucionários defendiam um futuro sem máscaras, adorando seu ídolo em longos rituais. A discórdia reinava na cidade quando aconteceu de novo.

¹ WROBEL, Ronaldo. *O romance inacabado de Sofia Stern*. Rio de Janeiro: Record, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bro2JQD5BWY>.

* Escritor e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos.

² WROBEL, 2016, p. 76-77.



Teria sido numa madrugada chuvosa. Bastante idoso, o homem desmascarado foi visto numa periferia abandonada. Testemunhas o reconheceram de imediato, o mártir redivivo!

Milhares saíram à caça do homem, vasculhando becos e metralhando penumbras. Nunca se soube quantos morreram no conflito - nem, tampouco, quantos sobreviveram .

Dia claro, o pobre homem desmascarado foi flagrado no único lugar onde jamais seria procurado: na delegacia policial, à espera da Lei. Já não aguentava viver longe da cidade. Levou um susto ao saber que tinha discípulos. Amargou fome e frio numa caverna enquanto a cidade se reunia em praça pública para selar seu destino. Ninguém sabia o que fazer com ele. Houve uma votação e o resultado foi aplaudido com euforia.

Na data marcada, o homem desmascarado viu conservadores e revolucionários prontos para apedrejá-lo num pátio. Chegou a reconhecer o próprio rosto em várias máscaras, mas achou que fosse delírio. Não faria sentido ser atacado pelos próprios discípulos. Verdades à parte, teve uma única certeza antes da pedrada derradeira: nunca, na História, houvera tanta gente igual na cidade mascarada.

Vovó também tinha rompantes bem-humorados... Certa noite me acordou para ver "estrelinhas caídas no quintal". Flutuei naquele cosmo cintilante até o juízo fincar no chão meus pés alados:

- São vaga-lumes, vovó!
- Fale baixo, Ronaldo. Eles pensam que são estrelas.
- Bobagem! Eles não entendem o que estou falando.
- Nem eu estou entendendo. Será que sou um vaga-lume?
- Não, vovó. Você é uma estrela.

Uma estrela de veludo preto e batom vermelho. Meu espanto era quase fascínio ao descalçar seus pés:

- Onde arranjou esses saltos altos? Vou buscar seus chinelos no quarto. – E liguei a televisão. – Fique aí quietinha. A novela já começou.

Na prateleira do corredor, uma garrafa vazia de Johnnie Walker. Sua cama estava atulhada de roupas, sapatos e bugigangas como isqueiros e canetas ressecadas. No armário aberto, revistas de tricô, um nebulizador, bolsas térmicas e impostos de renda declarados numa moeda extinta. Atrás da cortina, um cofre despejava joias sobre um grande livro marrom.



Peguei o livro. Em português e alemão, uma letra a nanquim se embolava em rasuras. No alto das páginas, cabeçalhos datados de 1943. Um folhear rápido me apresentou a suásticas e uniformes pretos. Vi um porto com navios fumacentos e dançarinas aflitas num cabaré. Ouvi um coral feminino, uma peça pianística de Ravel, um ruído lá fora.

Deixei o livro no quarto e voltei à sala com os chinelos, mas encontrei a poltrona vazia. Ninguém no banheiro, ninguém na cozinha. Chamei vovó. Nada. Gritei seu nome, puxei cortinas, vasculhei o quintal com uma lanterna. Já beirava o pânico ao dar com o portão da rua aberto para a noite, rangendo assustadoramente.

Minha avó tinha ido se divertir.³

Milhões de norte-americanos cruzavam o Atlântico para derrotar a Alemanha. Walter lutava em Épernay, perto de Paris, subordinado a um tenente que odiava judeus porque um deles, o general australiano John Monash, vencera os alemães num embate devastador para os "chucrutes". O que mais irritava o tenente era o fato de Monash ser filho de um casal prussiano que havia migrado para Melbourne no século XIX. Seus filhos vão matar os meus, esbravejou o tenente ao mandar o soldado Stern colher propagandas lançadas por aviões britânicos recomendando a rendição alemã "antes que fosse tarde".

Afundado em lodo, Stern percorreu um paliteiro de árvores decapitadas que teriam sido videiras para a produção de champanhe. Assobiou uma cantiga para afugentar o medo, enchendo sacas de lona, ansiando o fim da guerra para voltar a vestir paletós de casimira e ouvir mazurcas de Chopin no lugar de bombas e tiros. Morava numa trincheira lamacenta com milhares de soldados infestados de piolhos e roídos por ratos, comendo rações enlatadas que cheiravam a merda.

O front era farto de lendas sobre tropas fantasmas à caça de seus algozes. Foi por isso que Walter sentiu um calafrio ao ver um homem mascarado empunhando uma baioneta. O calafrio aumentou quando ele compreendeu que o homem não só estava encarnado, como era um inimigo britânico. Na farda bege, um cinturão com granadas. Os dois se encararam, estáticos, até uma fumaça amarela revolver seus tornozelos. Gás mostarda. Uma lutada daquilo exterminava batalhões.

Walter conseguiu roubar a baioneta do outro e cravá-la em sua barriga. O inimigo tombou aos gritos, empapado de sangue. Walter lhe arrancou a máscara, já irritado pelo gás adocicado. Tentava encaixar a coisa no rosto ao enxergar um kipá. Um kipá azul. Walter matara um judeu como ele. Em nome do kaiser Guilherme II, em nome do Império Alemão, Walter matara um patrício.⁴

³ WROBEL, 2016, p. 11-13.

⁴ WROBEL, 2016, p. 55-56.



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.